

O PROGRAMA TV ESCOLA PELO PRISMA DA PRÁTICA DO PROFESSOR¹

Alexandre Orsi²

Maria del Carmen Matilde Huertas Calvente³

RESUMO: Este artigo aborda o tema do Programa TV Escola e as dificuldades na sua utilização pelos professores. Enfoca os problemas da utilização desse programa do Ministério da Educação devido à incompatibilidade metodológica da sua correta aplicação em relação à política educacional do Estado do Paraná. Demonstra a insuficiência da hora-atividade perante o tempo necessário para que se faça um uso qualitativo desse material. Além disso, demonstra a situação em que se encontram as estruturas desse projeto em algumas escolas de Londrina, no tocante ao espaço físico, à organização e ao estado de conservação dos aparelhos que são utilizados no Programa TV Escola. Relata ainda os pareceres de professores sobre a qualidade dos programas e as dificuldades da inserção desses vídeos na prática pedagógica, através da análise de como os professores preenchem seu tempo, no período matutino, vespertino e noturno. Este artigo traz também uma análise de um dos programas educacionais transmitidos pelo Canal TV Escola, com os devidos comentários, além de uma análise de uma experiência que demonstra o tempo necessário para tomar posse do material e utilizá-lo. Por fim, como não poderia deixar de ser, sugere uma adequação da hora-atividade e do salário dos professores, como forma de solucionar as dificuldades ocasionadas pelo tempo extra necessário ao uso correto dos vídeos do TV Escola como instrumento didático e como meio de aperfeiçoamento do professor.

Palavras-chave: educação, TV Escola, aperfeiçoamento profissional, recurso didático.

THE TV SCHOOL PROGRAMM IN THE PRISM OF THE TEACHER PRACTICE

ABSTRACT: This article work approaches the subject of Programme TV School and the difficulties in its use for the professors. It focuses the problems of the use of this project of the Ministry of the Education due to metodológica incompatibility of its correct application in relation to the educational politics of the State of the Paraná. It demonstrates the insufficiency of the hour-activity before the necessary time so that if it makes a qualitative use of this material. Moreover, it demonstrates the situation where if they find the structures of this project in some schools of Londrina, in the moving one to the physical space, the organization and the state of conservation of the devices that are used in Programme TV School. It still tells them to seem of professors on the quality of the programs and the difficulties of the insertion of these videos in practical the pedagogical one, through the analysis of as the professors fill its time, in the matutino period, vespertine and nocturnal. This article also brings an analysis of one of the educational programs transmitted by Canal TV School, with the had commentaries, beyond an analysis an experience that demonstrates the time necessary to take ownership of the material and to use it. Finally, as it could not leave of being, it suggests an adequacy of the hour-activity and the wage of the professors, as form to solve the difficulties caused for the necessary extra time to the correct use of the videos of the TV School as didactic instrument and as half of perfecting of the professor.

Key - words: education, TV School, professional perfecting, didactic resource.

¹ Os autores agradecem aos professores: Rosely Maria de Lima e Wladimir César Fuscaldo, pelas sugestões que permitiram uma nova reflexão e a redação em conjunto deste artigo. Agradecem também aos entrevistados que, propositalmente, não foram identificados.

² Especialista em Ensino de Geografia pelo Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. e-mail: xandyejr@sercomtel.com.br.

³ Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, orientadora da monografia. e-mail: calvente@uel.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o tema TV Escola, que é um programa do Ministério da Educação (MEC), o qual, mediante filmes educativos, visa aperfeiçoar o trabalho dos professores e ao mesmo tempo servir de recurso didático no processo de ensino-aprendizagem. Os filmes são transmitidos via satélite e captados pelas antenas parabólicas das escolas, todos os dias, para serem gravados e posteriormente assistidos pelos professores e alunos.

Mesmo com a crescente necessidade de novos recursos didáticos para o ensino, o TV Escola, como tal, está sendo pouco utilizado ou utilizado inadequadamente pelos professores. Diante dessa constatação partiu-se da hipótese, que foi pesquisada no processo de produção de uma monografia de especialização em ensino de Geografia (ORSI, 2003)³, de que uma das razões seria a questão da limitação de tempo do professor para introduzir esse recurso, criticamente, na sua prática pedagógica.

Portanto, o objetivo da abordagem desse tema foi o de focar a problemática de sua utilização crítica, enfocando a questão do tempo necessário para que o programa seja utilizado, em relação ao tempo disponível dos professores que são os principais sujeitos desse projeto. Isto é, há uma incongruência entre o tempo do professor e o tempo que o TV Escola exige para ser utilizado adequadamente. O programa também necessita da criação de uma estrutura mínima em cada escola, para ser utilizado corretamente pelos professores, o que nem sempre ocorre.

O TV ESCOLA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O Estado brasileiro, pelo MEC, implantou o projeto com o objetivo principal declarado de aperfeiçoar os professores mediante programas educativos em fitas de vídeo. Alguns dos programas servem para auxiliar na formação de professores das séries iniciais e a utilização destes programas conta pontos para a progressão na carreira, o que acaba induzindo o professor ao uso dos mesmos. Assim, este projeto implica diretamente na construção do conhecimento do professor, por meio dos programas escolhidos pelo MEC.

Outros aspectos deste projeto demonstram o estímulo, por parte das secretarias estaduais de educação, à utilização destes programas. Para incentivar o uso das fitas de vídeo, várias atitudes são tomadas como, por exemplo, a premiação aos projetos que incluam, no dia-a-dia da escola, os vídeos do TV Escola, cursos à distância referentes ao tema TV Escola, com certificados que contam pontos na progressão salarial e solicitação de relatórios periódicos, referente à quantidade de solicitação de fitas de vídeo às escolas e

aos núcleos regionais de ensino, para saber se estão sendo usados os programas do TV Escola.

Em resumo, uma primeira análise indica o poder, em potencial, que o TV Escola tem de disseminar idéias do governo de determinado momento histórico e das classes que ele representa, por meio dos filmes e outros programas. Diante desse modelo estrutural do TV Escola uma atitude possível é a de tomar cuidado, fazer uma análise crítica e sempre ter prudência ao escolher os conteúdos encontrados nesses programas, porque os professores não conhecem os critérios de seleção dos filmes que serão exibidos e nem participam dessa seleção.

Considera-se também a questão do objetivo do TV Escola de aperfeiçoar o professor como dúbia, na maneira como é apresentada. Esse objetivo vem se apresentado nos documentos ligados ao TV Escola, sempre em primeiro lugar, dando a entender que é o objetivo principal. O que isso quer dizer? Talvez queira dizer que se o objetivo principal é o aperfeiçoamento, o professor não precisa ser remunerado por isso já que o aperfeiçoamento pode ser feito por espontaneidade do trabalhador. O questionamento acima se torna pertinente quando se observa que as campanhas e os cursos para uso do TV Escola são sempre com o objetivo de incluir o vídeo nas aulas e não o de aperfeiçoar o professor. Isto será consequência. Parece que, colocando como principal objetivo o aperfeiçoamento do professor, este não precisaria ser remunerado, não precisaria de hora-atividade para isso e poderia aproveitar para usar o vídeo durante as aulas, já que o assistiu durante o seu aperfeiçoamento.

CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DÉCADAS DE 1930, 1960 E 1990

A educação no Brasil tem percorrido vários caminhos. Não somente o caminho da apologia ao respeito à ordem injusta estabelecida, mas também o de ênfase ao conhecimento científico e à democracia. Como ressalta Nunes ao fazer uma análise das concepções sobre a função da educação na década de 1930:

[...] Se para Anísio Teixeira a reconstrução do país se daria pela disseminação da mentalidade científica e pelo estilo democrático de vida, para Gustavo Capanema, que representava a posição do governo federal, tal reconstrução se faria pelos valores nacionais. Era mister que os valores nacionais fossem inculcados nas massas para facilitar o processo de aceitação da autoridade dos seus líderes (NUNES, 2001, p.111).

Podem-se notar aqui duas posições diferentes a respeito dos objetivos da educação. A primeira posição, que é de Anísio Teixeira, intelectual da Associação Brasileira de Educação nos anos de 1930, não carrega em si uma ideologia do Estado, e tem uma posição mais democrática sobre qual deveria ser o papel da educação para um país. Teixeira representava as ideologias da oligarquia, mas fez reformas significativas na instrução pública da Bahia nos anos de 1925 e, anos depois, no Distrito Federal. Ele e outros intelectuais da educação, nos anos de 1920 e 1930 “enfaticavam a escola única, dirigida a todos [...] e sem assumir uma posição revolucionária, a atuação política desses educadores pode ter significado um avanço em relação às posições tradicionais” (NUNES, 2001, p.109). A segunda posição, que é a de Gustavo Capanema, estava ligada à ideologia de inculcar nas massas a submissão ao poder hegemônico do Estado. É o que se podia esperar porque Capanema era um representante do Estado, nesse período, na função de Ministro da Educação.

Na década de 1960 surgiram novas iniciativas no processo de alfabetização que visavam melhorar a educação no país. Entre esses métodos pode-se citar o teatro de rua, os cursos de teatro, de cinema e de artes plásticas, entre outros. Essas atividades eram promovidas pelo CPC (Centros Populares de Cultura) que eram ligados à União Nacional dos Estudantes e ao MCP (Movimentos de Cultura Popular), que colaboravam com uma arte didática.

Foram atividades inovadoras que vinham de encontro à necessidade de ampliar o número de alfabetizados, facilitando o acesso à cultura, trazendo a arte para perto do povo. Essa proximidade é percebida nos teatros de rua, nos festivais de música e na produção de filmes e documentários. Percebe-se a importância dessas iniciativas no relato a seguir: “A valorização das formas de expressão cultural do homem do povo e o estímulo ao desenvolvimento de sua capacidade de criação funcionava no MCP [...] partia-se da arte para chegar à análise crítica da realidade social” (PAIVA, 1987, p.237).

Os movimentos pró-educação preenchiam um espaço vago no processo educativo naquele momento em razão da ineficiência do Estado ou da estrutura escolar do Brasil, incluindo-se aqui a escola privada. Por exemplo, em 1960, o analfabetismo na população de quinze anos e mais era de 39,4 % (RIBEIRO, 1986). É oportuno destacar que as mudanças que vinham ocorrendo na sociedade brasileira exigiam melhor preparo dos trabalhadores para atender às transformações econômicas com a intensificação industrial no país e, ao mesmo tempo, essas mudanças vinham ao encontro da necessidade da população de exercer a cidadania:

[...] A educação dos adultos teria, portanto, objetivos de integração do homem marginal nos problemas da vida cívica

[...] Além disso, não deveria faltar a dimensão profissional: ela estaria prioritariamente colocada ao lado da função cívica, social e de difusão cultural deste tipo de educação (PAIVA, 1987, p.184).

No texto acima Paiva relata os objetivos da educação oficial em meio às transformações econômicas que estavam acontecendo. Soma-se a isso as iniciativas daqueles que colaboravam para a educação popular no Brasil como os CPCs, os MCPs e também a contribuição do “método” Paulo Freire que conseguia alfabetizar em tempo recorde. Lamentavelmente essas iniciativas foram interrompidas no Brasil a partir do Golpe Militar de 1964 que iria ditar a nova ordem nacional. Da mesma forma, o governo militar cala, naquele momento, as iniciativas culturais para a educação:

[...] O golpe militar brasileiro que, pitorescamente, se vem chamando de revolução, e que derrubou o governo Goulart em 1964, tem seguido uma política coerente: submissão à metrópole, associada a uma violenta repressão e imposição de silêncio às massas populares (FREIRE, 1982, p.72).

De então, até a década de 1990, ocorreu uma ampliação do número de vagas nas instituições brasileiras de ensino formal, tanto da escola pública quanto privada. Porém esta ampliação do número de vagas e a conseqüente ampliação do número de professores em atuação não foram acompanhadas por uma melhoria na qualidade da formação, na maioria dos casos. Um número maior de brasileiros na escola correspondeu a uma queda salarial e uma perda de status social para os profissionais da educação. A escola pública brasileira, de uma maneira geral, perdeu em qualidade e hoje pessoas que passaram pelo processo de escolarização formal podem ser analfabetos funcionais. É necessário atuar para a melhoria do quadro brasileiro de escolarização. Entre essas tentativas, pode-se citar o Programa TV Escola. Atualmente, é inegável o fascínio que a televisão exerce sobre todos:

[...] A televisão, enquanto imagem eletrônica, mídia-mestra dos meios de comunicação, é o veículo mais popular, influente, organizador de identidades socioculturais e agente fundamental da cultura de massa, um dos elementos estruturantes que articula formas de agir, pensar, viver, divertir, aprender e até mesmo trabalhar [...] comunicando às crianças, jovens, adultos e idosos as práticas sociais, culturais, políticas, econômicas e de linguagens que se fazem presentes no cotidiano, por meio de um elenco de mensagens que se fazem exibir ou se deixam ‘ler’ na tela independentemente do tempo e do espaço (COUTO, 2001, p.126).

Diante desse poder que a televisão pode exercer sobre as pessoas retoma-se aqui a questão educacional, agora na década de 1990, mais especificamente em 1996. Vale lembrar que o contexto histórico é outro, isto é, o fim de uma ditadura militar e o surgimento

do processo democrático. Nesse momento, o governo brasileiro lança o Projeto TV Escola. Esse projeto vem como proposta para preencher o espaço da desqualificação do ensino, como relata Sadek, diretor de um departamento do MEC no Seminário Internacional dos Dois Anos de TV Escola -1998: “Alguma coisa está acontecendo dentro da escola que não está refletindo em alunos bem preparados. Quer dizer, 1 milhão e 300 mil professores, ao menos do ensino fundamental, dos quais 60% não estão tecnicamente qualificados para o exercício de sua função” (1999, p.23). Diante disso, Sadek relata sua opinião sobre a eficiência do Projeto TV Escola. “Esse projeto consiste na distribuição de equipamentos receptores de imagens de satélite para a transmissão de programas educativos que podem ser usados para aperfeiçoar professores e servir de material didático” (SADEK, 1999, p.23).

Soma-se a essa iniciativa do TV Escola, no âmbito educacional, a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que têm a intenção de transformar o ensino no Brasil. Na década de 1990 o Brasil passa por transformações no campo econômico com a contínua estruturação dos blocos econômicos, inovações tecnológicas nas empresas e mudanças nas relações comerciais passando a incluir, nas exportações, alguns produtos industrializados. Tudo isso vem exigir um novo perfil da mão-de-obra e, assim, mudanças nos métodos educacionais. Os professores não podem ficar alheios às mudanças e Oliveira relata bem essa questão ao escrever sobre o professor de Geografia:

[...] O professor de Geografia deve estar sempre imbuído de um desejo de renovação, de aceitação de mudanças, deve estar aberto às novidades. Porém, renovar, mudar, aceitar com espírito crítico, reflexivamente, discutindo as vantagens e as desvantagens, ponderando os prós e os contras, selecionando e adaptando as proposições e criando novas situações (OLIVEIRA, 2002, p.43).

As inovações no processo de ensino sempre serão bem vindas quando se vê (e se pratica) a educação como algo que dignifica e liberta o homem. Os movimentos pró-educação da década de 1960 surgem do povo e para o povo, por isso essas iniciativas parecem mais apaixonadas e ousadas que o Programa TV Escola, que é institucionalizado. Boff orienta, de modo geral, sobre a diferença de ser movimento e de ser instituição mostrando que a instituição acontece posteriormente ao movimento. O movimento inicia a mudança num pequeno grupo com grande entusiasmo, todos se sentem envolvidos, todos discutem, todos são ouvidos e apresentam uma alternativa ao *status quo*. Porém, quando o movimento atinge seu triunfo, muda de natureza e vira instituição. E com a instituição acontece a rotina, a repetição, a norma, a hierarquia de poderes. Boff sintetiza assim:

[...] Ambos pertencem à história e à vida. Exigem-se e se completam mutuamente. Mas são diferentes e obedecem a lógicas distintas. O movimento visa a mudança e a instituição a

permanência. O movimento representa a explosão do novo e a instituição a sua domesticação dentro da repetição e de uma seqüência serial (BOFF, 1999, p.93).

Assim o TV Escola, como obra de instituição do Estado, faz a distribuição constante de programas educativos selecionados pelo MEC para serem utilizados, pelos professores, no cotidiano escolar. Porém a utilização do TV Escola acontecerá nem sempre com a necessária crítica ou não ocorrerá, uma vez que, dentro do cotidiano escolar, existe uma limitação de tempo para a concretização do processo diário de ensino, isto é, existem muitas coisas para o professor fazer dentro de um tempo limitado. Além desse aspecto existem outras dificuldades como uma estrutura, ainda incompleta, para a aplicação e reprodução desse programa.

O PROGRAMA TV ESCOLA

O Projeto TV Escola foi criado pelo Ministério da Educação com o objetivo de capacitar e atualizar professores da rede pública de ensino fundamental e médio e servir de instrumento didático no processo educativo. De forma experimental, o Programa TV Escola iniciou suas transmissões no dia 04 de setembro de 1995 e de forma definitiva no dia 04 de março de 1996. Inicia-se assim um programa de treinamento de professores usando, para transmissão de programas educativos, um canal de satélites brasileiro.

Após cinco anos de implantação, 56.770 escolas possuem equipamentos para recepção dos programas transmitidos. Os equipamentos de recepção consistem em um conjunto de equipamentos de recepção composto por uma parabólica, um receptor, um televisor, um videocassete e dez fitas VHS para gravação. O critério para recebimento do conjunto de equipamentos é que a escola tenha mais de 100 alunos. Segundo o Censo de 1999, há no Brasil 60.955 escolas públicas que atendem esse critério. Segundo o MEC, 93% dessas escolas possuem o conjunto de equipamentos. O canal de televisão do TV Escola é recepcionado por essas escolas, que recebem de três a quatro horas de programação diária, retransmitidas em até três vezes, totalizando, em média, 14 horas por dia de transmissão. Para melhor entender veja-se um exemplo: um programa é transmitido das 7 horas às 9 horas e, no mesmo dia, é retransmitido das 9 às 11, das 13 às 15 e das 17 às 19. Além da transmissão de programas o TV Escola acrescenta materiais impressos como: revistas, cadernos, guia dos programas que foram exibidos, cartazes e grade da programação que será exibida.

GRADE DE PROGRAMAÇÃO

Para se ter uma idéia da grade de programação foi feita uma análise de uma delas com a programação do dia 01 de outubro ao dia 06 de dezembro de 2002. Foi possível verificar que, dos 67 dias de transmissão, 16 dias eram temas de Geografia (destes, dois eram reprises - Quadro 1), 14 eram para Matemática, 18 de História, 13 de Língua Portuguesa com mais 02 de Literatura, seguindo com programações para Artes, Sociologia, Física, Biologia, Ética e Saúde, entre outros sugeridos no PCNs, conforme a indicação do guia. Estes são os programas sugeridos para a Geografia e simultaneamente para outras disciplinas cujo tema tem afinidades:

Disciplinas	Indicação	Sinopse	Programa	Duração	Data
Geografia Historia Língua Portuguesa	E.M	Quatro programas da série <i>Escolhi viver aqui</i> que apresentam depoimentos de estrangeiros radicados no Brasil. Comentados por professores de Geografia.	Thrassuyoolos – o grego. Richard – o alemão Sirpa – a filandesa	6'02" 6'02" 6'01" 6'02"	02/10
Química Geografia Física	E.M	Um programa da série <i>Jóias da natureza</i> que fala sobre a importância do mais puro cristal em áreas como a medicina e a indústria eletrônica. Comentado por professores de Química Geografia e Física.	Diamantes faces do futuro	25'11"	14/10
Química Geografia Biologia	E.M	Um programa da série <i>Jóias da natureza</i> que mostra o âmbar como um importante auxiliar no registro da vida pré-histórica. Comentado por professores de Química, Geografia e Biologia.	Âmbar: armadilha do tempo	24'53"	15/10
Química Geografia História	E.M	Um programa da série <i>Jóias da natureza</i> que mostra como o ouro, por conta de suas propriedades térmicas e elétricas, tornou-se um importante componente na construção de fios condutores e até naves espaciais. Comentado por professores de Química Geografia e História.	Ouro: a trama do futuro	24' 52"	17/10
Língua Portuguesa Filosofia Geografia	E.M	Um documentário em que os moradores de um pequeno vilarejo na França contam suas versões da história de um jovem pastor e sua prometida. Comentado por professores de Língua Portuguesa, Filosofia e Geografia.	<i>Adieu monde</i> ou a história de Pierre e Claire	26'43"	21/10

Quadro 1 – Grade de programação. Fonte: BRASIL, 2002.

...continuação do Quadro 1:

Disciplinas	Indicação	Sinopse	Programa	Duração	Data
Historia Geografia Filosofia	E.M	Primeira parte do documentário que apresenta um panorama histórico da região da Palestina, da época do império otomano até a atualidade. Comentado por professores de História, Geografia e Filosofia.	Palestina – parte I	52'00''	25/10
Historia Geografia Filosofia	E.M	Segunda parte do documentário que apresenta um panorama histórico da região da Palestina, desde a época do império otomano até a atualidade. Comentado por professores de História, Geografia e Filosofia.	Palestina – parte II	52'00''	01/11
Geografia Biologia Antropologia	E.M	Programa da série <i>Lugar e pessoas</i> que apresenta o sistema de agricultura rotativa utilizada pelos índios e caboclos no norte do Brasil. Comentado por professores de Geografia, Biologia e Antropologia.	Amazônia: o desenvolvimento em pequena escala	19'10''	05/01
Geografia Biologia Sociologia	E.M.	Programa da série <i>Lugar e pessoas</i> que apresenta o sistema de agricultura rotativa utilizado por índios e caboclos no norte do Brasil. Comentado por professores de Geografia, Biologia e Sociologia.	Amazônia: o desenvolvimento em pequena escala	18'58''	06/11
Geografia	E.F	Três programas da série <i>Ao sul da paisagem</i> . Encerra o dia um programa que mostra a diversidade de espécies do arquipélago brasileiro que abriga o maior número de golfinhos-rotadores do mundo.	A paisagem e o sagrado. Paisagem e memória caminhos da paisagem Fernando de Noronha – o arquipélago dos golfinhos	26'02''	12/11
Biologia Química Geografia	E.M	Programa da série <i>Água, a gota da vida</i> que analisa o uso cotidiano da água em diversas situações. Comentado por professores de Biologia, Química e Geografia.	Nossa água de cada dia	25'00''	18/11
História Geografia Língua Inglesa	E.M	Um programa da série <i>Água, a gota da vida</i> que mostra como a escassez de recursos hídricos pode levar ao confronto armado em países que partilham da mesma fonte de água. Comentado por professores de História, Geografia e Língua Inglesa.	Água, guerra e paz	25'00''	25/11

Quadro 1 – Grade de programação. Fonte: BRASIL, 2002.

...continuação do Quadro 1:

Disciplinas	Indicação	Sinopse	Programa	Duração	Data
Geografia Biologia Antropologia	E.M	Um programa que aborda o grave problema da AIDS em Botsuana, onde, segundo estatísticas, mais de 25% da população entre 15 e 49 anos está contaminada pelo vírus HIV. Comentado por professores de Geografia, Biologia e Antropologia.	Uma geração em perigo	22'00"	25/11
Geografia	E.F	Seis episódios da série Geografia – Austrália, que trata de questões ambientais, sociais e industriais desse país.	Paraíso perdido?	19'13"	27/11
Biologia Química Geografia	E.M	Um programa da série <i>Cidades em movimento</i> que mostra um sistema de reciclagem de lixo desenvolvido pela população ribeirinha de uma cidade na Índia. Comentado por professores de Biologia, Química e Geografia.	Desperdício em Calcutá	15'00"	27/11
História Geografia Sociologia	E.M	Programa da série <i>Histórias urbanas</i> em que quatro moscovitas refletem sobre as mudanças em sua cidade, geradas pelo colapso do regime comunista. Comentado por professores de História, Geografia e Sociologia.	Moscou, cidade em transição	29'09"	02/12

Quadro 1 – Grade de programação. Fonte: BRASIL, 2002.

As indicações da grade não eram de programas para uma disciplina específica, na maioria das vezes eram para duas ou mais disciplinas, fato que poderia ser explorado de forma interdisciplinar pelos professores envolvidos. Vale lembrar que estes professores precisariam de tempo para planejar juntos os procedimentos necessários para a prática interdisciplinar decidindo, por exemplo, como, quando e em quais turmas iriam usar um vídeo do TV Escola.

Os temas são variados e apresentam assuntos que fazem parte do cotidiano dos brasileiros e, por sua vez, dos alunos. São temas como a AIDS, o uso da água e a reciclagem de lixo. Esses temas podem ser bastante explorados por estarem próximos do dia-a-dia da comunidade escolar, podendo ser usados como impulsionadores de projetos da própria escola. Outro aspecto é a presença de filmes que tratam de temas complexos e de

difícil tratamento didático como a questão dos conflitos na Palestina, tema no qual um documentário pode facilitar o trabalho do professor.

A maioria dos programas informa que os temas abordados são comentados por professores das áreas indicadas na grade. Por exemplo, um filme indicado para Geografia terá um comentário feito por um professor de Geografia. Isso pode ser proveitoso para o professor que assiste ao filme, que pode (ou não) acrescentar alguma visão nova sobre determinados assuntos. Enfim, a utilização do TV Escola pode ocorrer de forma variada, tudo vai depender de dois fatores: disponibilidade de tempo do professor para usar os programas e criatividade.

Além da programação voltada aos professores e alunos, existe uma transmissão para a comunidade, denominada Escola Aberta. Esta é transmitida aos sábados, domingos e feriados, e poderia servir como uma atividade de lazer para aqueles que usufruem desses programas. Para o sucesso da Escola Aberta é necessário um grande envolvimento da Associação de Pais e Mestres e do diretor da escola, que convidarão a comunidade para as sessões de filmes e, também, poderão promover debates sobre os temas abordados nos filmes. Isso tudo demanda trabalho, por isso é necessário envolvimento.

Para identificar a classificação do programa, a grade apresenta uma orientação, por intermédio de siglas, selecionando para quem é indicado o filme, para o Ensino Médio a sigla demonstrada é EM, para Ensino Fundamental é EF, Salto para o Futuro é SF e Escola Aberta é EA. Dos programas indicados acima, o Salto para o Futuro é direcionado para a formação continuada do professor e é transmitido ao vivo, permitindo a participação, se necessário, do professor, mediante fax, e-mail ou ainda por telefone, isso se o professor possuir acesso a estes meios de comunicação.

No Estado do Paraná o Programa TV Escola foi regulamentado pela Resolução 1641/97, da Secretaria de Estado da Educação (PARANÁ, 1997), atribuindo, no Artigo 1º, à direção das escolas estaduais a competência para coordenar a recepção organizada e a utilização adequada dos programas veiculados por meio do TV Escola. Atribui ainda a divulgação da grade de programação e as estratégias para o uso incluindo-as no projeto pedagógico da escola. No Artigo 2º é atribuído ao Núcleo Regional de Ensino (NRE) dar assessoria às dificuldades e acompanhar suas resoluções.

TEMPO NECESSÁRIO

Para que o Programa TV Escola alcance os seus objetivos se torna necessária a gravação e a utilização dos programas nas escolas. Porém se levanta aqui alguns aspectos: quem será o responsável pela gravação dos programas bem como pela organização da

videoteca, se não existe um profissional específico para essa função? O professor terá tempo para escolher os programas, agendar a gravação, assistir, analisar e contextualizar o conteúdo do vídeo com o planejamento específico da disciplina? Existe sala de vídeo para reprodução? Quanto à qualidade, as fitas são gravadas no modo EP (gravação com rotação lenta) ou SP (gravação com rotação rápida)?

Há uma infinidade de questões que poderiam ser abordadas, porém a pesquisa contemplou a questão do tempo disponível. Para isso realizou-se uma contagem do tempo gasto no processo de utilização das fitas pelo professor. Com o auxílio de um relógio foi possível perceber que se gasta aproximadamente 130 minutos para realizar as seguintes etapas:

1. Procurar no guia de programas um título que indique o conteúdo que o professor deseja (tempo gasto = 1 minuto).
2. Pedir para agendar a gravação (tempo gasto = 5 minutos).
3. O professor agenda o dia em que deverá pegar a fita e levar para casa (tempo gasto = 1 minuto).
4. Levar a fita para casa e localizar o ponto em que se encontra o tema desejado (tempo gasto = 3 minutos).
5. Assistir e analisar as cenas interessantes fazendo anotações (tempo gasto = 120 minutos).

As etapas acima poderiam demandar mais tempo se não tivessem contado com uma boa organização do TV Escola no tocante à existência de uma lista, em ordem alfabética, dos filmes gravados pelo colégio com a data de gravação e se as fitas não estivessem todas etiquetadas de acordo com os assuntos e as datas das gravações. Esses fatores não estão presentes em todos os colégios, mas são importantes visto que agilizam o acesso aos programas. Além disso, se o professor possuir um videocassete que não tem um sistema de rebobinação rápida o tempo será ainda maior para preparar a aula com vídeo.

As etapas da experiência foram cronometradas e o programa utilizado, como exemplo, foi uma fita do Ensino Médio da série: Como Fazer, transmitida dia 02/10/2002 sob o título Escolhi viver aqui com vinte e quatro minutos e sete segundos de duração e mais trinta minutos de comentários, indicada para Geografia, História e Língua Portuguesa. Na série Como fazer ocorre uma discussão, após o filme, de como trabalhar, em sala de aula, esse programa, sugerindo, ao professor, as tarefas que poderá elaborar. Com base nisto o professor precisará de tempo para, em definitivo, preparar a aula ou pesquisar sobre o tema

que não é esgotado no filme. Todas essas tarefas poderão demandar mais tempo se o professor achar que o conteúdo do filme não era o que ele esperava, como ocorreu na experiência realizada. Desta forma ele terá que procurar outra fita iniciando o processo novamente, o que demandará mais tempo na realização da tarefa.

ANÁLISE DO FILME

Foi feita uma análise do filme “Escolhi viver aqui”, citado anteriormente na grade de programação, o qual apresenta a seguinte sinopse: “Quatro programas da série Escolhi viver aqui, que apresentam depoimentos de estrangeiros radicados no Brasil. Comentados por professores de Geografia, História e Língua Portuguesa” (BRASIL, 2002, p.1). O filme mostra quatro depoimentos com seis minutos de duração cada, de forma separada, já que cada imigrante tem uma pequena história. O roteiro é feito com uma entrevista na qual não aparece a voz do repórter, só do entrevistado que fala de maneira romântica e agradável o porquê escolheu viver no Brasil. O filme é descontraído, com cenas bastante coloridas, além de fundo musical típico de cada país e o sotaque estrangeiro que fica audível nas cenas. Este programa foi selecionado com a expectativa de tratar dos principais motivos da vinda de imigrantes para o Brasil como: atração pelas terras, propagandas que incentivavam empreender no novo país ou fuga da guerra. Porém o filme mostrou que os fatores que motivaram a migração foram: conhecer frutas no pé, a música, a curiosidade e ter um país com palmeiras. Cada migrante parece ter se apaixonado por uma característica do Brasil e, colocando como meta de vida saciar essa paixão, migrou para cá. No filme todos estão satisfeitos porque aparecem realizados por terem concretizado seus sonhos. Em nenhum momento se fala, por exemplo, dos milhares de imigrantes que vieram trabalhar na cafeicultura substituindo a mão-de-obra escrava e que sofreram muito. Além disso, são os que desempenharam, de forma mais intensa, um papel de extrema importância na história econômica e social do país. Desta forma, o enfoque que se esperava do filme não aconteceu.

Os comentaristas do filme, porém, em desacordo com a expectativa sugerida pela sinopse do programa, sugerem a exploração dos temas como: território, localização, meios de transportes, artesanato, clima etc. Sugerem a localização em razão de que num determinado momento do filme aparece um mapa mudo com uma animação de uma linha pontilhada mostrando a origem e o destino do migrante, em outro momento fala-se um pouco do clima da Finlândia, por isso os comentaristas sugerem o tema “clima” e também sugerem o artesanato, porque no enredo do filme aparece um alemão que produz artesanato.

Cada história deixou transparecer os motivos das migrações, tratando de particularidades, o que frustrou as expectativas prévias criadas pelo título do filme, e ainda faltaram informações sobre o momento histórico em que acontece o filme. Desta forma, se o professor ou os professores quisessem outro filme teriam que procurá-lo, encontrar ânimo e começar novamente todo o processo que demanda uma aula com vídeo. Isso levaria, no mínimo, o dobro do tempo da experiência citada anteriormente nesse trabalho, passando assim de 130 minutos para 260 minutos, isto é, o professor gastaria quatro horas e vinte minutos para preparar uma aula com vídeo. A experiência acima leva à reflexão sobre qual seria o tempo realmente necessário para que o professor pudesse incluir, no seu cotidiano, esse material do Programa TV Escola e se, de fato, o professor tem esse tempo. Para responder esta questão é preciso a análise do tempo de trabalho do professor.

ESTRUTURA E UTILIZAÇÃO DO TV ESCOLA NOS COLÉGIOS

Para analisar como está sendo usado o Programa TV Escola nos estabelecimentos de ensino foi aplicado um questionário aos professores de Geografia e aos funcionários responsáveis pela organização do programa nas escolas. As escolas foram escolhidas pelo porte, isto é, pelo número de alunos matriculados. Na pesquisa foram escolhidas três escolas de Londrina (PR) de portes diferentes, uma pequena (com 400 alunos), uma média (com 1.210 alunos) e uma grande (com mais de 2.000 alunos), visando uma análise de estruturas diferentes para uma melhor compreensão da realidade. Para representar as escolas de porte pequeno foi escolhida a Escola A, onde se pôde perceber que os vídeos do TV Escola são bastante utilizados, com aproximadamente 85 exibições, em média, ao mês. Apesar da intensa utilização das fitas, a escola não possui uma sala exclusiva para a reprodução de vídeos, tendo assim que conciliar, numa mesma sala, a biblioteca, um pequeno laboratório de Biologia, os armários para as 718 fitas e o espaço para a exibição dos filmes. O armário onde as fitas são guardadas é feito de madeira, o que é aconselhável, porém ele é totalmente fechado, sem ventilação, o que diminui a vida útil das fitas. O armazenamento correto sugerido é que as fitas sejam guardadas em armários de madeira com ventilação para evitar a presença de fungos que possam comprometer as gravações.

Ao se analisar a escola de grande porte, aqui representada pela Escola B, foi constatado que não havia um espaço definitivo para a reprodução dos filmes e, havendo a necessidade de passar um filme, o professor deveria deslocar o vídeo e a televisão até a sala de aula ou usar o laboratório de Química fazendo uma solicitação prévia ao professor de Química. O responsável pelo TV Escola informou que estava organizando o programa

naquele colégio uma vez que a estrutura não estava adequada aos requisitos básicos necessários à sua implantação. Informou ainda que na estrutura atual não se possui um armário apropriado para armazenar as fitas e que elas estavam sendo provisoriamente guardadas num armário de ferro, que não havia grande variedade de gravações e que era necessário organizar a lista de filmes.

O professor de Geografia, do mesmo colégio, confirmou que não há estrutura suficiente. Afirmou ainda que a maior parte dos aparelhos estão com defeito e relatou que perdeu uma fita que trouxe de casa para os alunos. Disse que, ao colocar a fita, o vídeo a “engoliu” (a película enrosca no mecanismo interno do videocassete), estragando um rico material que possuía. Aparelhos com defeitos estão presentes em vários colégios, conforme pesquisa disponível no site do MEC (BRASIL, 2002). O site informa que, dentro da estrutura nacional do Programa TV Escola, existem 10.397 aparelhos do TV Escola, entre televisões, parabólicas, vídeos e receptores, danificados ou apresentando algum defeito em todo território nacional. A pesquisa apresenta, por outro lado, que a quantidade de aparelhos funcionando são 15.595, mostra também que 2.038 aparelhos foram roubados, 1.061 não foram instalados e que 4.011 não receberam integralmente os equipamentos. Estes dados demonstram que existem muitos problemas a serem enfrentados para que o Programa TV Escola consiga funcionar plenamente e assim, numa etapa posterior, verificar se os objetivos propostos estão sendo alcançados. Como forma de diminuir os problemas com as danificações dos aparelhos do TV Escola, um dos entrevistados do presente trabalho alertou para a necessidade de um técnico nas escolas para auxiliar os professores no uso dos aparelhos e para garantir o bom andamento das atividades educacionais.

No colégio de porte médio, representado pelo Colégio C, a estrutura do programa foi analisada e mostrou-se suficiente para a demanda que existe. O colégio conta com uma sala própria para a exibição dos filmes além do laboratório de Química e Biologia que também têm equipamento para exibição (uma televisão e um vídeo cassete). Além disso, o colégio possui um armário de madeira com portas que favorecem a ventilação interna sendo adequado ao armazenamento dos filmes.

Nesse armário estão armazenadas 779 fitas do TV Escola e as exibições dos programas aos alunos estão na média de 90 exibições por mês. A organizadora do programa relata que não tem gravado muitos programas ultimamente porque não tem sido solicitada, porque o acervo é bom e também porque as prioridades de gastos da escola são outras e não há dinheiro para fazer tudo o que se quer. Para uma melhor visualização das estruturas comentadas anteriormente, ver a tabela 1:

Tabela 1 – Estrutura do TV Escola nos estabelecimentos de ensino.

Escolas	Porte	Sala de vídeo	Armazenagem adequada das fitas	Quantidade de filmes
A	Pequeno	Não possui	Não possui	718
C	Médio	Possui	Possui	779
B	Grande	Não possui	Não possui	110

Fonte: Orsi, 2003.

Por intermédio do Núcleo Regional de Ensino de Londrina levantou-se o número de fitas usadas em 2002 pelos 126 estabelecimentos de ensino da região (envolve 19 municípios), que é um total de 62.322 fitas. Veja-se a tabela a seguir (Tabela 2), a qual demonstra o número de alunos para os quais foram passados programas do TV Escola e o número de programas exibidos:

Tabela 2 – Total de fitas utilizadas e alunos atendidos.

Total de fitas utilizadas em 2002	64.020
Total de alunos atendidos	86.312
Percentual dos alunos atingidos	78,28%

Fonte: NRE/Londrina.

Para se chegar ao percentual de 78,28% da tabela acima se partiu da informação do número total de alunos existente na região pertencente ao NRE/Londrina que é de 110.248 alunos. Como se pode perceber é um número significativo de alunos que entram em contato com o TV Escola, porém apenas com estas informações não se pode afirmar que a utilização dos programas como recurso didático está sendo feita de maneira qualitativa, isto é, que o professor está assistindo anteriormente os programas e preparando o seu plano de aula com a inclusão do vídeo. Para avaliar essa questão precisa-se analisar a questão “tempo do professor”, para saber até mesmo se é possível, durante a hora-atividade, essa preparação do plano de aula incluindo filmes do TV Escola. É de fácil visualização a necessidade de mais tempo de hora-atividade para o professor conseguir incluir, no seu cotidiano, os programas do TV Escola visto que os entrevistados só tinham, no ano de 2002, 10% de hora-atividade para muito trabalho.

Esse fator tempo, demonstrado anteriormente, evidencia um obstáculo para o bom andamento do programa em prejuízo da educação, já que muitos alunos não terão

acesso aos vídeos do TV Escola, que podem servir como instrumento didático ou poderão ter os conteúdos dos programas trabalhados inadequadamente. E isso é apontado como grave, nos cursos ministrados pelo NRE sobre a utilização dos programas, nos quais informam que passar um filme sem assisti-lo antes ou passar apenas para preencher o tempo pode comprometer o Programa TV Escola, uma vez que os alunos poderiam passar a não gostar desse tipo de aula.

Durante a realização desse trabalho foi incluída, de forma oportuna, a entrevista com um aluno concluinte do Curso de Geografia da UEL e também funcionário e organizador do TV Escola. Ele informou que os professores, de modo geral, não utilizam muito os vídeos do TV Escola e, quando o utilizam, o fazem para ocupar os alunos ao passo que corrigem provas e fecham as notas, especialmente no final do ano quando o tempo é mais escasso. Para que os programas sejam utilizados como material didático, o entrevistado destaca a necessidade imprescindível do professor assistir previamente o programa para conhecer o conteúdo e, assim, elaborar um plano de aula com coerência. Porém ele comenta, e lamenta, que isso não acontece na maioria das vezes. Esta entrevista auxiliou a investigação visto que deixou transparecer que existe algo que acaba induzindo os professores a agirem assim. Para apurar essa questão, necessário se fez adentrar no cotidiano do professor para saber a respeito de sua disponibilidade de tempo.

DISPONIBILIDADE *VERSUS* TV ESCOLA

Para perceber e visualizar melhor o fator tempo no cotidiano do professor foi elaborado um quadro em branco com os dias da semana, exceto o domingo, e os períodos do dia para que o entrevistado o preenchesse. Dessa forma foi possível analisar as atividades semanais que ele exerce bem como a sua disponibilidade de tempo.

Percebe-se no quadro 2 que, na maior parte do tempo, o professor está em sala de aula, por conseqüência sobra pouco tempo para organizar uma aula com vídeo, por exemplo. Tendo 40 horas-aula, o professor assume de 12 a 18 turmas, em outras palavras, o professor assume muito trabalho com preparo de aulas, o preparo de avaliações, as correções de trabalhos, o preenchimento de livros de chamada, entre outras coisas que ocuparão o tempo integral da semana. O motivo para assumir 40 ou 60 horas-aula, como no caso dos entrevistados, é o baixo salário. Para tentar melhorar os ganhos, para garantir a sobrevivência, os professores submetem-se a dar muitas horas de aula. Como responder aos trabalhos necessários à realização do Programa TV Escola e à concretização dos seus objetivos? O resultado das entrevistas remete à necessidade de mais tempo de hora-atividade e melhoria salarial.

Professor de Geografia da Escola B						
Número total de aulas que leciona atualmente: 40 aulas						
Atividades que exerce durante a semana						
Período	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	5ªfeira	6ªfeira	Sábado
Manhã	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Reunião (às vezes)
Tarde	Pagamento de contas, descanso, saúde e administração do lar	(idem tarde anterior)	(idem tarde anterior)	(idem tarde anterior)	(idem tarde anterior)	
Noite	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	
Professora de 1ª à 4ª série da Escola A						
Número de aulas que leciona atualmente: 60 aulas (destas, 20 aulas no ensino privado)						
Atividades que exerce durante a semana						
Período	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	5ªfeira	6ªfeira	Sábado
Manhã	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Hora-atividade na escola	Dar aulas	Reuniões, gincanas e promoções
Tarde	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	
Noite	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	Dar aulas	
Professora de Geografia do Colégio C						
Total de aulas que leciona atualmente: 40 aulas						
Atividades que exerce durante a semana						
Período	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	5ªfeira	6ªfeira	Sábado
Manhã	Dar aulas	Dar aulas	Trabalho de casa	Dar aulas	Dar aulas	Às vezes reuniões
Tarde	Dar aulas	Trabalho de casa	Dar aulas	Livre e trabalho em casa	Livre	Cuidar do filho
Noite	Trabalho de casa e descanso	Dar aulas	Dar aulas	Livre	Livre	

Quadro 2 – Disponibilidade do professor. Fonte: Orsi, 2003.

OPINIÃO SOBRE A QUALIDADE DOS PROGRAMAS

Durante a pesquisa foi questionado a qualidade dos programas em relação aos conteúdos destes e também em relação à qualidade de gravação, que interfere na nitidez da imagem e do som do filme. Os professores responderam que geralmente têm conteúdos bons, porém alguns programas não tratam do assunto com profundidade, como diz o professor do Colégio B: “Os programas são bastante heterogêneos, alguns são bastante aprofundados e outros não”.

Na questão da qualidade de imagem e som, os professores também afirmam que geralmente são bons, existindo alguns casos localizados de fitas com a qualidade comprometida. Apesar dos professores não levantarem maiores problemas em relação às gravações, apenas um colégio usa o modo de gravação SP (a sigla vem da palavra speed que, em inglês, significa rápido, isto é, a fita gira mais rápido distribuindo melhor os dados da gravação na película) sugerido pelo programa para atingir melhor qualidade. Os outros colégios, para economizar recursos, usam os modos de gravação com velocidade menor, o que diminui a qualidade dos filmes, já que desta forma há uma intensificação de dados na película da fita cassete. Por outro lado, com este modo de gravar, pode-se conseguir até seis horas de gravação ao passo que no modo SP grava-se apenas duas horas, gastando assim mais fitas.

Os entrevistados acham que a qualidade das fitas é boa, porém seria melhor ainda se não fossem gravadas no modo lento. Isso ocorre porque os colégios não têm recursos suficientes para gravar todos os programas transmitidos diariamente e nem mesmo aqueles que os professores acham interessantes. Por isso preferem aproveitar mais a fita, gravando no modo lento. No caso do Colégio C, o organizador do programa diz que não está comprando fitas de vídeo porque tem outras prioridades no momento, porém se o professor solicita uma gravação é atendido, na medida do possível.

Quando se perguntou a uma professora se achava que o Programa TV Escola tem alcançado o objetivo de aperfeiçoar o professor ela respondeu que o que aperfeiçoa é o professor poder ir ao cinema, ao teatro e comprar livros, enfim ter recursos e tempo para ter acesso à cultura.

O Programa TV Escola pode ser um importante aliado da educação e vem de encontro às necessidades de novas tecnologias para auxiliar no processo de ensino. É estratégico na maneira de agir, usando imagens via satélite chegando a todo lugar do Brasil onde exista o conjunto de equipamentos de recepção de imagens, até mesmo nas áreas de difícil acesso. Porém existem empecilhos que atrapalham o bom andamento do programa ou até mesmo que podem levá-lo à extinção. Está se falando das condições necessárias para desenvolver o TV Escola, condições como: salários dignos para o professor poder assumir menos aulas e assim ter mais tempo para se aperfeiçoar com os programas que tem esse objetivo, e um número de maior de hora-atividade; e a estrutura necessária que alguns colégios não possuem, como verba para a compra de fitas e sala de reprodução de vídeo. Não basta o recurso para a compra do conjunto de equipamentos já que é necessária uma seqüência de procedimentos para conseguir os objetivos do TV Escola. Da maneira como está há o risco de desperdício de recursos públicos, porque existe um investimento nesse projeto que não pode ser usado na íntegra em virtude da incompatibilidade estrutural, isto é,

a estrutura organizada pelo governo federal na montagem do TV Escola não é compatível com a realidade dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber, ao término das pesquisas do trabalho que resultou neste artigo, aspectos positivos e negativos do processo de implantação do TV Escola. Ambos dão quesitos importantes para considerações. Ao analisar os aspectos positivos percebe-se que o Programa TV Escola vem somar às iniciativas praticadas durante a história da educação no Brasil para melhorar o ensino e vem para tentar resolver problemas pertinentes à educação de baixa qualidade. Sabe-se também que nem por isso se deve aceitar docilmente os conteúdos que são passados por esse programa, é preciso analisar e questionar, quando necessário, qualquer aspecto que possa parecer prejudicial à formação de um estudante crítico e conhecedor de sua realidade.

Vê-se como interessante, principalmente, a estratégia de levar informações por imagens de satélite, alcançando as áreas mais distantes do país, vencendo obstáculos geográficos e obstáculos burocráticos que poderiam, de alguma forma, dificultar o acesso às informações disponíveis nos programas educativos, uma vez que de posse dos receptores de imagens qualquer pessoa tem acesso a estes programas. Acrescenta-se ainda que o fato desse programa utilizar a televisão como recurso para sua implementação é também um fator positivo visto que a televisão é um aparelho eficiente na transmissão de informações já que consegue juntar diversos sons, imagens e movimentos ao mesmo tempo num único objeto: a tela de imagem. Além disso, a televisão é um meio de comunicação muito popular, que pode exercer grande fascínio no telespectador.

Diante da necessidade de uma melhor educação e a proposição do TV Escola em ajudar a sanar algumas dificuldades, analisou-se as estruturas do programa implantadas em algumas escolas de Londrina e, aqui, verificam-se alguns pontos negativos. Apesar da existência das grades de programação, das edições gráficas e dos conjuntos de equipamentos presentes nas escolas, existem ainda limitações como ausência de espaço físico, aparelhos apresentando defeitos e armazenagem inadequada de fitas. E, no trabalho, comprova-se que nem sempre é fácil encontrar o filme desejado, em razão da sinopse e do título do filme não abarcarem todas as informações necessárias à escolha exata do assunto que se quer assistir ou pesquisar.

Quando se fala de aspectos negativos quer-se também aqui destacar a incompatibilidade metodológica proposta pelo Programa TV Escola para o uso de seus programas com a disponibilidade de tempo do professor. Considera-se neste trabalho que o

professor tem dificuldades para incluir no seu cotidiano os programas da TV Escola em razão da hora-atividade e da política salarial que o Estado do Paraná vem adotando nas últimas gestões. Esta política faz com que o professor precise se sobrecarregar de aulas como forma de aumentar o seu ganho. O tempo que “sobra” teria que ser dividido com o lazer, a família, o convívio social (igreja, clube etc), cuidados com a saúde e atividades escolares que não foram possíveis durante o tempo de hora-atividade.

Uma medida necessária seria o aumento do número de hora-atividade (a maior parte dos professores entrevistados consideram que 50% da carga horária como hora-atividade seria a situação ideal) e também dos salários dos professores, assim estes poderiam diminuir a quantidade de horas-aula e preparar estas aulas da melhor maneira possível, incluindo programas educativos ao ensino. Como consequência o professor estaria conquistando dignidade e a educação qualidade.

A pesquisa partiu de uma preocupação com a utilização inadequada do Programa TV Escola, e por esta razão as considerações aqui realizadas estiveram vinculadas ao tempo necessário para a utilização crítica e criativa de fitas de vídeo no processo de ensino-aprendizagem. Para preparar uma boa aula e não apenas reproduzir o conteúdo do livro didático, utilizando qualquer instrumento de ensino (nem que seja a voz e a mente, em uma aula expositiva), o professor vai de ter de utilizar uma parte do seu tempo de trabalho. Assim, a realidade da sobrecarga de aulas dadas em relação à carga de trabalho prejudica não apenas a utilização do TV Escola, mas toda a atividade profissional do professor. Uma melhoria da educação formal no Brasil passa, obrigatoriamente, pelo aumento do tempo da hora-atividade para a preparação das aulas e por um salário digno, que permita uma proibição formal de cargas didáticas não condizentes com um ensino de qualidade.

Para concluir, observa-se que este trabalho teve uma abrangência parcial em relação às inúmeras questões que poderiam ser suscitadas a respeito do TV Escola. Sugerem-se, para um próximo trabalho, uma análise crítica dos conteúdos de Geografia nos programas do TV Escola e ainda uma avaliação sobre a eficiência didática dos programas medida numa pesquisa junto aos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Grade de Programação – TV Escola*. out/dez. 2002.

BRASIL. Situação dos equipamentos da TV Escola. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/equip>>. Acesso em 01 dez. 2002.

BOFF, L. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. 11^a ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

COUTO, M. E. S. A televisão na sala de aula. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v.1, n.2, p.125-130, jul. 2001.

FREIRE, P. *Ação Cultural para a Liberdade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

NUNES, C. As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema no Governo Vargas. In: Bomeny, H. (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p.103-123.

OLIVEIRA, L. de. A formação do professor de Geografia. *Revista Ciência Geográfica*, Bauru, v.2, n.22, p.43-45, mai/ago. 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Viabiliza o pleno funcionamento da TV Escola no âmbito das escolas da rede estadual de ensino, que receberam o Kit tecnológico e define as diretrizes para a completa utilização dos recursos tecnológicos do programa TV Escola*. Resolução n.1641/97, de 08 de maio de 1997.

ORSI, A. *A TV Escola e a Hora-Atividade*. Londrina, 2003. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia). Universidade Estadual de Londrina.

PAIVA, V. P. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo: Loyola, 1987.

RIBEIRO, M. L. S. *História da Educação Brasileira: A organização escolar*. 6ªed. São Paulo: Moraes, 1986.

SADEK, J. R. NA TV Escola do Brasil. In: 2 anos de TV Escola – Seminário Internacional, 1998. Brasília: Ministério da Educação/SEED, 1999. p.23-26.